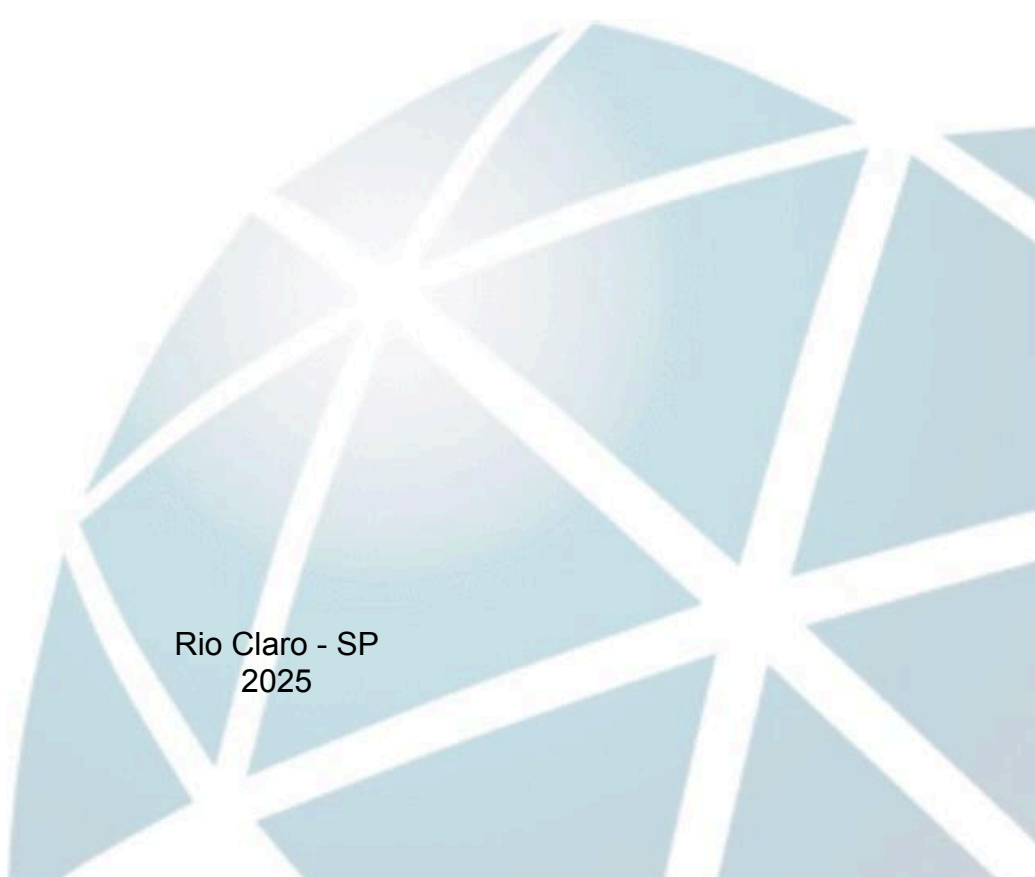

LICENCIATURA DE PEDAGOGIA

ANNA BEATRIZ ARCHANJO ANDRETTA

**O PAPEL DA ROTINA E DAS ESTRUTURAS NA
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DO ESPECTRO
AUTISTA: OS IMPACTOS NO
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E
SOCIOEMOCIONAL**

Rio Claro - SP
2025



ANNA BEATRIZ ARCHANJO ANDRETTA

**O PAPEL DA ROTINA E DAS ESTRUTURAS NA EDUCAÇÃO DE
CRIANÇAS DO ESPECTRO AUTISTA: OS IMPACTOS NO
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIOEMOCIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Corrêa

Rio Claro - SP
2025

A561p

Andretta, Anna Beatriz Archanjo Andretta

O papel da rotina e das estruturas na educação de crianças do espectro autista : os impactos no desenvolvimento cognitivo e socioemocional / Anna Beatriz Archanjo Andretta Andretta. -- Rio Claro, 2025
28 p.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio
Claro

Orientador: Rinaldo Corrêa

1. Autismo. 2. Transtorno do Espectro Autista. 3. Autismo em
Crianças. I. Título.

ANNA BEATRIZ ARCHANJO ANDRETTA

O PAPEL DA ROTINA E DAS ESTRUTURAS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DO ESPECTRO AUTISTA: OS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIOEMOCIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rinaldo Correr

Prof. Dr. Débora Cristina Fonseca

Prof. Dr. Daniel Romão da Silva

Aprovado em: 04 de novembro de 2025

Documento assinado digitalmente
 ANNA BEATRIZ ARCHANJO ANDRETTA
Data: 25/11/2025 18:31:38-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>



Assinado de forma digital por
Rinaldo Correr:10682313866
Dados: 2025.11.25 18:16:59
-03'00'

Assinatura do discente

Assinatura do(a) orientador(a)

Dedico este trabalho aos meus pais, que me viram aprender minhas primeiras letras. E dedico este trabalho ao meu pai, que me verá ensinar minhas primeiras lições.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus que me guiou e me orientou. Respondeu minhas orações e meus pedidos, e que me fez chegar até aqui.

Gostaria de agradecer aos meus pais, Agnaldo Andretta e Rosana Cristina Archanjo Andretta (*in memoriam*) que sempre abdicaram de seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus. Ao meu pai, que enfrentou dias sob o sol intenso para que, sob a proteção da sombra, eu pudesse traçar meu próprio caminho. E à minha mãe, que permanece viva em mim como o maior exemplo de força, coragem e ternura — uma mulher guerreira, batalhadora e cheia de sonhos. Que cada conquista minha seja reflexo da história de vocês!

Ao meu noivo, Rubens Buzo de Souza, meu porto seguro em todos os momentos. Agradeço por acreditar em mim até quando eu mesma duvidei, por ser abrigo nas tempestades, conselho nas incertezas, carinho nos dias difíceis e incentivo constante na minha caminhada. Foi ao seu lado que muitos dos meus sonhos se tornaram possíveis. Sua presença e apoio incondicional deram forças aos meus estudos e sentido ao meu trabalho.

Agradeço, do fundo do meu coração, ao meu primo Miguel Archanjo, cuja vida é, por si só, um verdadeiro milagre. Foi esse milagre que despertou em mim o propósito que hoje me move e revelou minha vocação. Miguel, ser professora é, antes de tudo, por sua causa. É você quem me inspira, todos os dias, a acreditar no poder da educação e no valor de cada pequena conquista.

À minha amiga, Rubia Cristina Aprigio dos Anjos, minha gratidão por estar presente em todos os momentos: nos conselhos, nas conversas, nas lágrimas e nas risadas. Sua amizade foi abrigo, força e motivação. Sem você, esse caminho teria sido muito mais difícil. Você é, sem dúvida, parte fundamental desta conquista.

Serei eternamente grata a todos os professores que passaram pela minha vida, em especial ao professor Pedro Francisco da Conceição, a professora Letícia Munhoz Fernandes e ao professor Rodrigo Modesto Nascimento, pessoas que sempre tiveram fé em minha trajetória e que no momento mais difícil de minha vida, não me deixaram desistir de mim mesma.

Agradeço também ao meu orientador, Rinaldo Correr, cuja orientação atenta e paciência foram fundamentais em cada etapa deste processo. Sua escuta e dedicação fizeram toda a diferença na construção deste trabalho.

Agradeço a minha diretora clínica, Fabiana Bortoloti e a minha coordenadora, Amanda Calheiros, que por diversas vezes resgataram a minha fé em minha profissão e me ensinaram que transformar a vida de uma criança é, por si só, transformar o mundo. Serei eternamente grata às oportunidades que o Espaço Clínico VOAR me proporcionou.

E por fim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a minha jornada acadêmica e a realização deste trabalho.

*As crianças especiais, assim como as aves,
são diferentes em seus vôos. Todas, no
entanto, são iguais em seu direito de voar.*

- Jesica Del Carmen Perez

RESUMO

Este trabalho, baseado em revisão de literatura, analisa a importância da colaboração entre professores, alunos e suas famílias para garantir que a rotina escolar seja eficaz e inclusiva. Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm dificuldade com a flexibilidade de rotinas e adaptação de mudanças, tornando essencial que os educadores compreendam suas necessidades e características individuais. A construção de uma rotina bem estruturada ajuda a criar um ambiente de aprendizagem que respeite o tempo e as necessidades dos alunos com TEA, além de promover a colaboração entre escola e família. O papel do educador vai além do conteúdo acadêmico, englobando a compreensão profunda das necessidades de cada criança, respeitando suas dificuldades e promovendo a socialização de forma gradual. Portanto, o estudo procura destacar a importância da educação inclusiva que, por meio de uma rotina adaptada, favoreça o desenvolvimento integral das crianças com TEA, a partir da parceria família-escola como fator essencial para o sucesso educacional. Além disso, esse trabalho busca analisar como o Atendimento Educacional Especializado (AEE) pode oferecer apoio individualizado e estratégias pedagógicas específicas para alunos com TEA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; educação inclusiva; rotina escolar; Atendimento Educacional Especializado; formação continuada.

ABSTRACT

This paper, based on a literature review, examines the importance of collaboration between teachers, students, and their families to ensure that the school routine is effective and inclusive. Children with Autism Spectrum Disorder (ASD) face difficulties with routine flexibility and adapting to changes, making it essential for educators to understand their individual needs and characteristics. Establishing a well-structured routine helps create a learning environment that respects the time and needs of students with ASD, while also fostering collaboration between the school and the family. The educator's role goes beyond academic content, involving a deep understanding of each child's needs, respecting their challenges, and gradually promoting socialization. Therefore, this research aims to highlight the importance of inclusive education, which, through an adapted routine, supports the overall development of children with ASD, with the family-school partnership being a key factor for educational success. Additionally, we seek to analyze how Specialized Educational Assistance (AEE) can provide individualized support and specific pedagogical strategies for students with ASD.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; inclusive education; school routine; Specialized Educational Assistance; continuous professional development.

THE ROLE OF ROUTINE AND STRUCTURES IN THE EDUCATION OF CHILDREN ON THE AUTISM SPECTRUM: the impacts on cognitive and socioemotional development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETIVOS	13
3. METODOLOGIA	14
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
5. RESULTADOS	17
5.1 Diagnóstico	17
5.1.2 Características do Transtorno	18
5.1.3 Por que crianças autistas precisam de rotina?	19
5.1.4 O Atendimento Educacional Especializado (AEE) e seu papel na inclusão de alunos com TEA	21
5.1.5 Políticas públicas e a garantia do direito à educação	23
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
7. REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

A cada ano, observa-se um aumento no número de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ingressando no sistema educacional, frequentemente, sem um diagnóstico formal. Essa realidade apresenta um desafio significativo para professores e outros profissionais da educação, que precisam lidar com a diversidade de necessidades e comportamentos dos alunos com Transtorno do Espectro Autista, muitas vezes, sem formação específica na área.

Apesar dos esforços em programas de formação continuada e na formação no ensino superior, a percepção sensível e adequada, por parte dos educadores, nem sempre se traduz em práticas pedagógicas eficazes. Nesse cenário, a rotina escolar, pelas características do TEA, emerge como um aspecto fundamental para a inclusão e o desenvolvimento desses alunos. A estruturação do ambiente previsível, com atividades bem organizadas, pode ser um poderoso recurso para promover o aprendizado, a autonomia e o bem-estar das crianças autistas.

Para Camargo e Bosa (2012), o aumento de crianças autistas matriculadas em escolas regulares indica que a luta pela inclusão ganhou força durante os anos, e com este fator, tornou-se cada vez mais indispensável o conhecimento sobre esses alunos e quais especificidades apresentam para o planejamento de ações que considerem não somente suas necessidades, mas principalmente as habilidades que possuem. (Fiorini, 2017, p. 43)

Desta maneira, este trabalho teve como objetivo investigar o papel da rotina escolar no processo educativo das crianças com TEA, buscando compreender como a organização do dia a dia escolar pode influenciar a adaptação e o desenvolvimento dessas crianças. Para isso, é essencial compreender as especificidades do Transtorno do Espectro Autista e discutir as estratégias que os educadores podem adotar para promover uma educação mais inclusiva e eficaz.

A escolha desse tema foi influenciada por uma vivência pessoal

significativa. Quando meu primo recebeu o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) aos 9 anos, meus tios passaram a buscar diversas alternativas para garantir seu desenvolvimento, incluindo terapias e suporte escolar. Acompanhar esse processo de adaptação e progresso gerou em mim o desejo de entender mais profundamente as necessidades de crianças com TEA e como a educação pode desempenhar um papel fundamental em seu desenvolvimento. Esse impacto pessoal foi determinante para minha decisão de cursar Pedagogia, com a intenção de oferecer a outras famílias o apoio e as possibilidades de crescimento que minha família teve a oportunidade de vivenciar ao ver o progresso de meu primo.

Com o aumento dos diagnósticos e a diversificação dos perfis de alunos na sala de aula, é imprescindível que nós, enquanto educadores, estejamos preparados para lidar com as particularidades, promovendo um ambiente mais inclusivo e eficaz. Ao longo de minha experiência em uma clínica de atendimento individualizado para crianças neurodivergentes, pude perceber que, muitos profissionais da educação ainda enfrentam dificuldades para lidar com a diversidade e os desafios impostos por essa característica no ambiente escolar.

Esse cenário revela a importância de refletirmos sobre as melhores práticas pedagógicas e como as rotinas escolares estruturadas podem ser ferramentas poderosas para garantir a adaptação e o desenvolvimento de crianças com TEA.

2. OBJETIVOS

Este trabalho buscou, através da revisão de literatura, identificar abordagens para promover um ambiente escolar onde todos, independentemente de suas particularidades, possam desenvolver seu potencial de forma plena.

O objetivo deste trabalho foi analisar, a partir de uma revisão bibliográfica, o papel da rotina escolar no desenvolvimento e na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Buscou também, compreender como a previsibilidade da rotina escolar pode impactar a adaptação, o aprendizado e o bem-estar dos alunos, identificando estratégias que os educadores podem adotar para promover um ambiente mais acolhedor e eficiente.

Além disso, pretendeu-se explorar como a organização das atividades diárias pode contribuir para a melhoria da interação social e da autonomia dos estudantes com TEA no contexto escolar.

3. METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória, desenvolvida por meio da revisão bibliográfica. A escolha dessa metodologia fundamenta-se na intenção de compreender, de forma aprofundada, as necessidades educacionais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com ênfase na importância da rotina e da previsibilidade no ambiente escolar, bem como no papel do Atendimento Educacional Especializado (AEE) nesse contexto.

Para isso, foi adotada a metodologia de revisão de literatura, uma abordagem qualitativa que visa analisar e sintetizar o conhecimento existente sobre o tema. A revisão constituiu-se em um levantamento sistemático de obras acadêmicas, artigos científicos, legislações e documentos oficiais, publicados por órgãos como o Ministério da Educação (MEC) e a Organização Mundial da Saúde (OMS).

A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de buscas em bases de dados acadêmicas, como Google Acadêmico e SciELO, utilizando palavras-chave específicas relacionadas ao tema. Os artigos selecionados foram previamente analisados quanto à pertinência, por meio da leitura dos títulos e resumos, priorizando aqueles que se aplicavam diretamente ao contexto da educação básica e ao foco do trabalho.

O recorte temporal das fontes priorizou publicações a partir do ano 2000, com especial atenção aos marcos legais mais recentes e às políticas públicas voltadas à inclusão, como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), a Lei Brasileira de Inclusão (2015) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Além disso, a pesquisa considerou estudos publicados entre 2013 e 2024, a fim de garantir a atualidade e relevância das informações.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta a forma como uma pessoa percebe o mundo, se comunica e interage socialmente. De acordo com Fiorini (2017), o TEA é atualmente classificado como um Transtorno do Neurodesenvolvimento, conforme definido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (APA, 2014), englobando diferentes condições que anteriormente eram tratadas separadamente, como o autismo infantil, a síndrome de Asperger e outros transtornos globais do desenvolvimento.

As principais dificuldades associadas ao TEA envolvem déficits na comunicação, na interação social e a presença de comportamentos repetitivos (Melo et al., 2021). O termo “espectro” indica a grande variabilidade na manifestação do transtorno - algumas pessoas podem apresentar habilidades cognitivas elevadas, enquanto outras apresentam déficits significativos, inclusive associados a deficiências intelectuais.

O DMS-5 trouxe mudanças significativas ao agrupar os diferentes subtipos sob a mesma nomenclatura, enquanto a Classificação Internacional de Doenças - CID-11 (OMS, 2022) também reconhece o TEA sob o código 6A02, enfatizando aspectos como a rigidez comportamental, a hipersensibilidade sensorial e a necessidade de estrutura e previsibilidade no cotidiano. Essa perspectiva ajuda a entender por que muitos alunos com TEA apresentam maior dificuldade em lidar com mudanças, imprevistos ou ambientes caóticos - elementos frequentes na escola tradicional.

A etiologia do TEA ainda é objeto de estudo, mas há indícios de que fatores genéticos e ambientais estejam envolvidos (Marinho e Merkle, 2009). O diagnóstico é clínico e realizado por equipe multiprofissional, com base em critérios definidos nos manuais diagnósticos e por meio da observação do comportamento, entrevistas com familiares e histórico do desenvolvimento da criança. Segundo Araújo, Bennati e Achete (2023), os sinais geralmente

aparecem antes dos três anos, embora o reconhecimento possa ocorrer mais tardiamente.

O tratamento para o TEA envolve um conjunto de intervenções terapêuticas que visam potencializar o desenvolvimento das habilidades sociais, comunicativas, motoras e cognitivas. Terapias como ABA (Análise do Comportamento Aplicada), fonoaudiologia, psicomotricidade e terapia ocupacional são frequentemente recomendadas, adaptadas às necessidades de cada indivíduo. Com estratégias adequadas, é possível promover avanços significativos no desenvolvimento social, emocional e acadêmico, contribuindo para uma maior autonomia dessas crianças. (Melo et al., 2021)

Diante dessas especificidades, a escola tem papel fundamental no processo de inclusão e desenvolvimento do aluno com TEA. As dificuldades com a flexibilidade cognitiva e as alterações sensoriais, tornam a organização da rotina escolar, a previsibilidade das atividades e o suporte pedagógico especializado elementos essenciais para garantir o bem-estar, o engajamento e a aprendizagem desses estudantes.

5. RESULTADOS

A análise da pesquisa permitiu identificar aspectos relevantes sobre o processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar, destacando a importância da rotina estruturada, do AEE e do compromisso das instituições de ensino em garantir práticas pedagógicas inclusivas. Os resultados apontam como a previsibilidade, o suporte multiprofissional e a mediação docente impactam diretamente no desenvolvimento desses estudantes. A revisão da literatura especializada dos últimos 25 anos, permitiu que as informações fossem organizadas em subtópicos, como serão apresentados a seguir.

5.1. DIAGNÓSTICO

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é realizado por uma equipe multiprofissional da área da saúde, com base em uma avaliação clínica minuciosa que envolve a observação direta do comportamento da criança, a análise do seu desenvolvimento e entrevista com a família.

Para que o diagnóstico seja confirmado, é necessário que a criança apresente critérios específicos descritos nos manuais diagnósticos, como dificuldades persistentes na comunicação e na interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. Tais manifestações se iniciam antes dos três anos de idade, embora possam ser reconhecidas mais tardiamente, dependendo da gravidade ou da percepção dos cuidadores.

Para fazer um diagnóstico, o relatório requer alguns critérios comportamentais, entre eles estão os distúrbios na interação social como na comunicação, padrões de comportamento e interesses restritos. As manifestações do TEA iniciam-se, geralmente, antes dos três anos de idade. (Araújo, Bennati, Achete, 2023, p. 16)

O tratamento não se baseia em cura, mas sim no suporte contínuo e no desenvolvimento de habilidades sociais, comunicativas e comportamentais. Entre as abordagens terapêuticas mais comuns estão a terapia comportamental (como a ABA - Análise do Comportamento Aplicada), a terapia ocupacional, a fonoaudiologia e o acompanhamento psicológico, adaptadas às necessidades

individuais de cada criança. O diagnóstico precoce e a intervenção adequada são essenciais para o desenvolvimento e melhora da qualidade de vida da criança e de sua família.

5.1.2. CARACTERÍSTICAS DO TRANSTORNO

As características de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem variar amplamente, já que o transtorno se manifesta de forma única em cada indivíduo. Apesar dessa diversidade, é possível identificar algumas características comuns entre muitos casos, especialmente nas áreas da comunicação, interação social, comportamento e processamento sensorial.

Segundo Marinho e Merkle (2009), indivíduos com TEA apresentam dificuldades significativas na área da comunicação e linguagem, tanto verbal quanto não verbal. Sua forma de expressão costuma ser repetitiva e estereotipada, o que compromete a capacidade de iniciar e manter uma conversa. Muitas crianças demonstram comportamentos como a ecolalia imediata — repetição imediata de palavras ou frases ouvidas — e não compreendem, especialmente quando pequenas, a função comunicativa da linguagem. Apesar disso, algumas conseguem pronunciar palavras isoladas, enquanto outras, mesmo sem verbalizar, demonstram certa compreensão de termos, especialmente substantivos e verbos.

Outro aspecto importante são os comportamentos motores repetitivos, como estereotípias (balanços do corpo, movimentos de mãos, entre outros), sendo o *flapping* (bater de mãos) um dos mais característicos. De acordo com Pereira, Pereira e Pereira (2013), essas manifestações refletem dificuldades na regulação motora e estão entre os comportamentos mais marcantes do transtorno.

Além disso, é comum que crianças com TEA apresentem alterações no processamento sensorial, como hipersensibilidade ou hipossensibilidade a sons, luzes, texturas e cheiros. Como aponta Baptista e Bosa (2002), essas reações

sensoriais podem interferir diretamente na interação com o ambiente escolar, causando desconforto ou distração durante atividades simples.

Outro traço frequente é a rigidez de pensamento e a resistência a mudanças na rotina. A dificuldade em lidar com situações inesperadas torna essencial a organização do cotidiano escolar, como será discutido em tópico específico deste trabalho. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (APA, 2013) destaca ainda que o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que se manifesta em diferentes níveis de suporte: enquanto algumas crianças precisam de acompanhamento contínuo, outras necessitam apenas de apoios pontuais em contextos específicos.

5.1.3. POR QUE CRIANÇAS AUTISTAS PRECISAM DE ROTINA?

Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam uma maior necessidade de rotina e previsibilidade, o que se explica por características específicas do transtorno, como a sensibilidade sensorial intensa e a dificuldade com a flexibilidade cognitiva. Essas características tornam a previsibilidade um fator essencial para reduzir a ansiedade e promover segurança emocional.

Preparar e organizar cada aula torna-se, portanto, uma tarefa que exige atenção e conhecimento do professor sobre seus estudantes, especialmente ao estruturar atividades que irão compor o dia a dia escolar, com o objetivo de alcançar resultados positivos e garantir uma aprendizagem significativa (Machado, 2019, p. 107). Para alunos com TEA, essa organização não é um detalhe, mas uma condição para a permanência e o engajamento escolar.

Segundo Lopes e Pavelacki (2004), por apresentarem dificuldades em adaptar-se ao mundo externo, esses alunos necessitam de uma rotina escolar bem estruturada, que os auxilie a se localizar no tempo e no espaço. O professor, nesse contexto, precisa compreender que a sua participação ativa na organização da rotina não limita a criatividade, mas fortalece o processo de ensino e aprendizagem. O papel docente vai além do planejamento de conteúdos acadêmicos: exige uma escuta sensível, observação contínua e uma prática

pedagógica responsiva às necessidades individuais dos alunos.

Pereira, Pereira e Pereira (2013), complementam ao destacar que a organização do tempo é essencial no processo educacional de alunos com Transtorno do Espectro Autista, pois proporciona noção de sequência e previsibilidade ao longo do dia. A antecipação das atividades favorece a aceitação de mudanças, reduz comportamentos disruptivos e promove maior autonomia. Recursos visuais como cartões, quadros de rotina ou agendas são ferramentas eficazes nesse processo.

Nesse sentido, a ausência de uma rotina clara pode prejudicar diretamente o processo de aprendizagem e adaptação da criança, tornando as mudanças repentinas um gatilho para reações como isolamento ou comportamentos negativos. Como afirmam Araújo, Bennati e Achete (2023, p. 24), é nesse cenário que o acolhimento, a afetividade e a organização diária se tornam estratégias pedagógicas fundamentais para transformar os desafios em experiências de crescimento mútuo.

A estruturação das atividades com consistência não significa rigidez, mas sim a clareza nas transições a repetição das rotinas de forma compreensível e a adaptação gradual às novidades. Cada criança com autismo possui formas únicas de perceber o mundo e interagir com ele, sendo fundamental que os professores conheçam suas preferências, limitações e gatilhos sensoriais para que o planejamento pedagógico seja eficaz e humanizado.

A inclusão escolar desses estudantes requer um olhar atento para suas especificidades - considerando sua realidade familiar, social, escolar e comunicativa -, a fim de construir estratégias pedagógicas alinhadas com o ensino comum, conforme previsto legalmente. Machado (2019, p. 109) enfatiza que o respeito às necessidades específicas e o esforço para atendê-las são deveres de todos os envolvidos no processo educativo, sendo o trabalho em conjunto com as famílias e o AEE uma das chaves para o sucesso.

A perspectiva freireana reforça essa visão ao afirmar que a educação deve ser uma prática de liberdade (Freire, 1970), em que os estudantes são sujeitos de sua aprendizagem, cabendo aos educadores oferecer as condições necessárias para que esse processo de transformação ocorra. Portanto, conhecer profundamente o aluno e planejar com intencionalidade são partes de um compromisso ético e político com a educação inclusiva.

Nos últimos anos, as instituições educacionais vêm sendo desafiadas a se

tornarem ambientes verdadeiramente democráticos e acessíveis. Essa transformação envolve romper com a visão tradicional de escola homogênea, ainda presente em muitos contextos, e reconhecer a diversidade como um valor. Machado (2019, p. 111) destaca que, historicamente, a escola negligenciou as diferenças ao adotar instrumentos de avaliação normatizadores que desconsideravam as singularidades dos alunos.

A educação inclusiva, então, surge como um “novo paradigma”, que valoriza a diversidade e propõe práticas pedagógicas baseadas na equidade, nos diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. Inspirada na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, compreende-se que a aprendizagem ocorre nas relações sociais. Assim, o professor deve enxergar seus alunos para além do diagnóstico, reconhecendo-os como sujeitos sociais em pleno direito à aprendizagem. (Araújo, Bennati, Achete, 2023, p. 20)

Portanto, o desafio da inclusão de crianças com TEA perpassa o planejamento pedagógico diário e se insere em um movimento maior: o de construção de uma escola acessível, plural e democrática. Isso implica transformar a cultura escolar, capacitar professores e valorizar o AEE como apoio pedagógico essencial para reconhecer que a previsibilidade, longe de limitar, amplia as possibilidades de aprendizagem e participação ativa desses alunos na vida escolar.

5.1.4 O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) E SEU PAPEL NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA

É indispensável que pensemos no AEE como uma grande ferramenta para os professores. Trata-se de um serviço de apoio fundamental na educação inclusiva.

O AEE é respaldado por importantes marcos legais, como a Constituição Federal de 1988, que determina, em seu artigo 209, “o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” e pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, publicada pelo Ministério da Educação em 2008 (Machado, 2013, p. 1). Essas normativas reforçam o compromisso do sistema educacional brasileiro com a inclusão e com a promoção do direito à educação para todos.

Para os professores, o AEE é um grande aliado, pois oferece suporte especializado e estratégias personalizadas para trabalhar com as crianças, contribuindo significativamente para o processo de ensino-aprendizagem, bem como para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais. É importante ressaltar que esse atendimento não substitui as atividades da sala de aula regular, mas se diferencia por sua natureza pedagógica específica e pela articulação com a proposta curricular do ensino comum, fortalecendo o processo de inclusão escolar, conforme destaca Bridi (2009, p. 11).

Além disso, o AEE é responsável por adaptar o plano de ensino de acordo com as necessidades específicas de cada aluno, oferecendo as ferramentas necessárias para que o conteúdo seja transmitido de forma eficaz e acessível, respeitando o ritmo e o estilo de aprendizagem dos estudantes com TEA. Para esses alunos, o AEE também cumpre um papel fundamental na organização da rotina escolar, utilizando recursos visuais e estratégias de antecipação, que ajudam a garantir previsibilidade e segurança nas atividades diárias, aspectos essenciais para o bom desempenho e bem-estar das crianças autistas no ambiente escolar.

Outro apoio típico da integração escolar se manifesta por meio da adoção de adaptações curriculares e de avaliações individualizadas, as quais restringem os objetivos educacionais à pretensão de os professores terem condições de predefinir o que os alunos são capazes de aprender. Se, de um lado, há professores que se sentem capazes de prever o que os alunos conseguem aprender, de outro, há os que se sentem despreparados para ensinar os alunos da Educação Especial inseridos em suas turmas, reivindicando o apoio pedagógico de professor especializado. (Machado, 2013, p. 3)

Segundo Bridi (2009), a ampliação do conceito de "necessidades educacionais especiais" permitiu incluir, no campo da educação especial, não apenas alunos com deficiência, mas também aqueles que, em determinados momentos de sua trajetória escolar, necessitam de apoio específico para sua aprendizagem, redimensionando, assim, o público-alvo e a função da educação especial. Nesse sentido, é fundamental reconhecer que o AEE deve ser assegurado com base nas necessidades observadas no contexto escolar, mesmo sem a apresentação de um laudo, uma vez que se trata de um serviço de natureza pedagógica, e não clínica. O foco está em garantir o direito ao

aprendizado e à inclusão, priorizando as barreiras enfrentadas pelo estudante no processo de escolarização.

Dessa forma, o AEE se consolida como um espaço privilegiado dentro do processo inclusivo, oferecendo suporte técnico e pedagógico qualificado, promovendo a aprendizagem significativa e respeitando a singularidade de cada estudante.

5.1.5. POLÍTICAS PÚBLICAS E A GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO

A inclusão escolar de alunos com TEA não é apenas uma escolha pedagógica, mas um direito assegurado por políticas públicas e dispositivos legais que consolidam a educação como um direito de todos. Ao longo dos últimos anos, o Brasil tem avançado na construção de um marco legal que respalda a presença de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades na escola comum, assegurando-lhes o acesso, a permanência e o aprendizado com equidade e respeito às suas especificidades.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208, inciso III, já estabelece como dever do Estado o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. Essa diretriz é reforçada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394/1996, que prevê, no artigo 58, que a educação especial deve ser oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino, e que será “organizada para atender aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação”.

Outro marco relevante é o Decreto nº 7.611/2011, que regulamenta a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e determina que este deve ocorrer de forma complementar ou suplementar à escolarização na classe comum, com a utilização de recursos e serviços que eliminem barreiras para a plena participação dos alunos. O decreto reforça o princípio da inclusão como eixo central das políticas educacionais.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, publicada pelo Ministério da Educação em 2008, amplia esse

entendimento ao reconhecer que o público da educação especial não se limita aos alunos com deficiência, mas inclui também aqueles que, em qualquer momento da vida escolar, necessitem de apoio pedagógico específico. Essa política defende a escola como espaço de todos, no qual as diferenças devem ser consideradas como parte da normalidade da convivência humana.

Mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também se alinha a essa perspectiva inclusiva ao destacar que a equidade é um dos princípios orientadores da educação, reforçando a necessidade de garantir que todos os alunos tenham condições de desenvolver as competências e habilidades previstas, respeitando seus ritmos e singularidades.

Portanto, as políticas públicas brasileiras têm promovido avanços importantes no sentido de consolidar uma educação inclusiva, democrática e equitativa. Cabe à escola cumprir esse papel, promovendo práticas pedagógicas que atendam às necessidades específicas dos alunos com TEA e assegurando a oferta do AEE como parte integrante desse processo, mesmo quando não há laudo diagnóstico formal.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou investigar o papel fundamental da rotina escolar no processo de ensino e aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir do referencial teórico e da vivência pessoal que motivou esta pesquisa, ficou evidente que a educação inclusiva não se trata apenas de matricular alunos neurodivergentes em salas de aula regulares, mas sim de criar um ambiente verdadeiramente acolhedor, democrático e adaptado às suas necessidades.

A estruturação da rotina emerge como uma ferramenta pedagógica poderosa nesse contexto. Como demonstrado, a previsibilidade e a organização do dia a dia escolar são cruciais para reduzir a ansiedade e os comportamentos disruptivos, promovendo segurança e autonomia para o aluno com TEA. A utilização de recursos visuais, como quadros de rotina e agendas, é uma estratégia eficaz para que esses alunos compreendam a sequência das atividades, contribuindo diretamente para sua adaptação e desenvolvimento.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) se mostrou um grande aliado nesse processo, oferecendo suporte, estratégias pedagógicas e adaptações curriculares que contribuem para que o professor atenda de forma mais eficaz às demandas de seus alunos. Além disso, compreendeu-se que o AEE é um serviço de natureza pedagógica, e não clínica, devendo ser garantido com base nas necessidades apresentadas pelos alunos, mesmo na ausência de laudo. Trata-se de uma ação que visa eliminar barreiras à aprendizagem e garantir equidade no acesso ao currículo, respeitando os direitos previstos em políticas públicas e documentos legais que sustentam a educação inclusiva.

Em suma, a rotina escolar, quando planejada com intencionalidade e sensibilidade, deixa de ser uma simples sequência de atividades e se torna um pilar de sustentação para a inclusão. Para além das páginas deste trabalho, a esperança é que esta pesquisa inspire educadores a olharem para seus alunos com Transtorno do Espectro Autista de forma mais atenta e acolhedora, construindo pontes para que todos tenham a oportunidade de serem protagonistas de sua própria aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C. R; BOSA, C. **Autismo e educação-reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

BRASIL. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Regulamenta a oferta do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 18 nov. 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>

BRASIL. **Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/educacao-especial/politica-nacional>

DAVID, G. P. **Rotina pedagógica de alunos com Transtorno do Espectro Autista: relato de professores**. 2024.

DE ARAUJO, V. F.; BENATTI, L. M.; ACHETE, B. **A contribuição da rotina escolar para o desenvolvimento de alunos com transtorno do espectro autista**. In *AUTISMO: uma abordagem multiprofissional*. v. 1. Editora Científica Digital, 2023. p. 11-26.

DE SOUZA BRIDI, F. R. **Atendimento educacional especializado**. Reflexão e Ação, v. 17, n. 1, 2009.

DUARTE SILVA MACHADO, G. **A importância da rotina para crianças autistas na educação básica**. 2019.

Fiorini, B. S. **O aluno com transtornos do espectro do autismo na educação infantil: caracterização da rotina escolar.** 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

LOPES, D. C.; PAVELACKI, L. F. **Técnicas utilizadas na educação dos autistas.** Guaíba: Ulbra, 2004.

MACHADO, R. **O atendimento educacional especializado (AEE) e sua repercussão na mudança das práticas pedagógicas, na perspectiva da educação inclusiva: um estudo sobre as escolas comuns da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC.** 2013.

MARINHO, E. A. R; MERKLE, V. L. B. **Um olhar sobre o autismo e sua especificação.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 9; ENCONTRO SUL-BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009.

MELO, A. et al. **Desenvolvimento de uma aplicação educativa para o ensino de rotinas diárias e quebra de rotinas a crianças autistas.** Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 19, n. 1, p. 166-175, 2021.

PEREIRA, C. A. V.; PEREIRA, C. F. V.; PEREIRA, C. C. V.. **Autismo infantil: aplicações do ensino estruturado na inclusão escolar.** Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança, v. 11, n. 3, p. 88-95, 2013.